



Nossas homenagens aos 90 Anos do Dia 07 de Fevereiro
Dia Nacional do Trabalhador Gráfico

Nestes 90 Anos do Dia 07 de Fevereiro transmitimos nossas homenagens a todos os trabalhadores gráficos, marcado por um legado de histórias, lutas e conquistas que nos levam a assumir as nossas responsabilidades como Dirigentes Sindicais para dar continuidade dessas Ações Sindicais em favor dos Trabalhadores Gráficos.

As nossas Ações Sindicais e de Representação Sindical estão alicerçadas nos Sindicatos, Federações e na Coordenação Geral da nossa CONATIG fundada com o objetivo de ser a representação Nacional dos Trabalhadores Gráficos filiada a UNI Sindicato Global que é a nossa representação Internacional.

Esta é a base de nossa representação atual que tem a responsabilidade de dar continuidade das enormes batalhas que travaram os trabalhadores gráficos desde a 1ª Greve de 1858 passando pelos anos de 1917 – 1923 e 1929 para garantir a representação dos Trabalhadores Gráficos.

Portanto, neste 07 de Fevereiro - Dia Nacional do Trabalhador Gráfico - é necessário como Dirigentes Sindicais dos Trabalhadores Gráficos fazermos uma enorme reflexão desses legados de luta e assumirmos nossas responsabilidades para que todos esses esforços dos nossos companheiros e dirigentes gráficos não se percam no tempo.

Viva o 7 de Fevereiro – Dia Nacional dos Trabalhadores Gráficos

Ano para comemorar os 90 anos – 7 de fevereiro



O que representa o dia 7 de fevereiro para o povo brasileiro? Talvez poucos conheçam a data e sua importância para a valorização dos trabalhadores no Brasil. Porém, uma categoria em especial, os gráficos, sabem bem de sua relevância para a conquista das leis trabalhistas.

Sete de fevereiro é o Dia Nacional do Gráfico. Entretanto, ele é assim considerado não por simples convenção, mas por exaltar o legado de luta por dignidade e valorização de direitos trabalhistas numa época em que estes não existiam, ou qualquer outro respeito aos profissionais.

Em 7 de fevereiro de 1923, iniciou-se um dos grandes conflitos entre o capital e o trabalho. Depois de 42 dias de greve realizadas por gráficos paulistas, o movimento não recuou até que todos os trabalhadores em todas as gráficas fossem beneficiados com a maioria dos direitos antes negados. Nascia a primeira convenção coletiva de trabalho dos gráficos.

Em 7 de fevereiro de 2013, este legado combativo completará 90 anos. A história testemunhará nove décadas de resistência pela valorização profissional da categoria gráfica. O passado mostra que as conquistas resultam da luta, assim como a manutenção delas. A convenção coletiva de trabalho nasceu da consciência de classe e só pela luta permanecerá presente. Sem luta, não há conquista, nem a continuação da mesma.

Em 7 de fevereiro de 2013, a tecnologia avançou bastante em relação a 1923. No entanto, a riqueza não aumentou para os trabalhadores, pelo contrário, aumentou somente a opressão por mais trabalho, enquanto diminuiu a remuneração e a valorização profissional. Na verdade, o que evoluiu foi apenas a ganância dos patrões diante da menor resistência da classe trabalhadora contra a intransigência do capitalismo neoliberal. O individualismo virou marca: ter passou a valer mais que ser.

Entretanto, em contraposição a este modelo que valoriza as coisas ao invés das pessoas, ao individualismo ao invés do coletivismo, à omissão ao invés da participação, o próprio Jesus Cristo, maior revolucionário da história humana, mostrou que a vida só tem sentido compartilhada. O amor é o sentido maior, logo, a fraternidade e solidariedade entre as pessoas é a maior escola. A ganância e o individualismo não combinam.

Em 7 de fevereiro de 1923, mesmo em um tempo que não existiam leis trabalhistas, gráficos lutaram para que elas fossem criadas. A luta era pela coletividade, pelos direitos de todos, pela classe trabalhadora. Os avanços desta conquista ainda perduram 90 anos depois. A resistência do passado, que já foi presente, deixou importantes resultados para o futuro, que hoje é presente.

Em 7 de fevereiro de 2013, mesmo em um tempo que leis trabalhistas já defendem o profissional, é preciso fazer valer o direito já conquistado para não retroceder as conquistas. O individualismo e a ganância, princípios liberais, apenas favorecerão as minorias endinheiradas, portanto, não caiu nesta armadilha classe trabalhadora. Apenas a unidade e a mobilização dos trabalhadores garantirão mais avanços.

Dessa forma, **em 2013**, continuaremos firme na luta cada vez mais. Não por qualquer motivo individual, mas pela dignidade dos gráficos que sempre lutaram por dias melhores para a classe trabalhadora. Este é o nosso passado, este é o nosso presente, este será o nosso futuro, este é o nosso legado.

Viva os 90 anos do 7 de fevereiro!!! Viva os Gráficos!!!

Nossas homenagens aos 90 Anos do dia 07 de Fevereiro – Dia Nacional do Trabalhador Gráfico

Neste dia 07 de Fevereiro, a categoria gráfica revive mais uma vez as memoráveis histórias, lutas e conquistas dos Trabalhadores Gráficos, que além de reivindicarem melhores condições de trabalho, combateram o Trabalho Infantil, lutaram pela Jornada de Trabalho de 8 Horas, Descanso Semanal Remunerado nos Domingos e Feriados, Férias Anuais, entre outras coisas, tinham na época uma bandeira tão importante quanto as que citamos acima que era o direito de se organizarem em Associações e Sindicatos.

Um pouco de história dos 90 Anos do 07 de Fevereiro

Naquela época só os patrões tinham a sua associação representativa, que era a Associação Comercial de São Paulo.

No começo do século passado, os gráficos tinham um papel extremamente importante nas lutas e conquistas da classe trabalhadora no Brasil, estavam presentes em todos os movimentos e tinham um papel fundamental, pois era através da sua arte que eram confeccionados os jornais operários que os movimentos de esquerda tais como os anarquistas e os comunistas usavam para organizar e passar informações aos trabalhadores.

Diante de tanta luta veio então a necessidade de organizarem a categoria, aí então começou a construção da UTG - União dos Trabalhadores Gráficos, como entidade representativa dos trabalhadores gráficos.

Como não poderia deixar de ser tiveram muitas resistências por parte da classe patronal para que a representação da UTG – União dos Trabalhadores Gráficos fosse reconhecida. A luta pelo reconhecimento da UTG diante de tanta intransigência e repressão por parte dos patrões acabou culminando em uma grande Greve do Setor Gráfico. Com muita organização e mobilização os trabalhadores conseguiram armazenar em um galpão alimentos, remédios, mantimentos, enfim tudo que fosse necessário para a duração daquela greve.

Todo tipo de repressão foi usado pelos patrões, muitos companheiros foram presos e perseguidos, alguns estrangeiros foram deportados, até que conseguiram destruir todos os mantimentos do fundo de greve, na intenção de desmobilizar aqueles bravos companheiros.

Frente a tudo isso os gráficos se moveram de brio, e criaram um slogan pela resistência que era o seguinte: **“Se necessário comeremos terra”**. Esta greve durou 42 dias, sendo que os gráficos não abriram mão em momento algum de suas lutas.

Finalmente a resistência patronal ruiu e ao concordarem na totalidade das reivindicações, reconheceram também a UTG - União dos Trabalhadores Gráficos, como legítima representante dos Trabalhadores Gráficos a partir daquela grande vitória em 7 de Fevereiro de 1923.

Nos anos posteriores os trabalhadores comemoraram essa data com grandes comícios e reuniões na sede da UTG. Mais tarde vieram outras lutas e conquistas como 13º Salário, Aposentadoria Especial, etc. Tudo fruto da luta e mobilização dos trabalhadores.

Portanto, neste 07 de Fevereiro - Dia Nacional do Trabalhador Gráfico - é necessário como Dirigentes Sindicais dos Trabalhadores Gráficos fazermos uma enorme reflexão desses legados de luta e assumirmos nossas responsabilidades para que todos esses esforços dos nossos companheiros e dirigentes gráficos não se percam no tempo.

Das greves históricas nasce a vocação para a luta

Muitas foram as lutas locais e regionais da categoria pela conquista de direitos. Nacionalmente três importantes greves merecem destaque por representarem os momentos mais ricos da organização dos gráficos e também dos trabalhadores brasileiros: 1917, 1923 e 1929.

A greve de 1917 marcou os primeiros conflitos mais conscientes da classe trabalhadora organizada contra o Estado. Foi uma verdadeira explosão sindical em que se reivindicava Redução da Jornada, Hora Extra em 50%, Livre Associação, Descanso Semanal Remunerado e o Direito de Greve. Para Boris Fausto, a partir daquela greve o movimento operário brasileiro “passou a ser objeto de preocupações e ganhou a primeira página dos jornais”.

As inúmeras reivindicações eram justificadas. O custo de vida aumentava dia-a-dia e os operários trabalhavam em média 14 horas diárias sem Férias, sem Descanso Semanal Remunerado, sem nenhum tipo de assistência. Toda a produção era vendida para a Europa, que estava em guerra. A greve terminou em 15 de Julho com a conquista de 20% de reajuste e a promessa do governo de libertar os presos durante o conflito, além de fiscalização do trabalho de menores e mulheres. O movimento desencadeou até 1920 uma forte onda de greves no Brasil.

A segunda greve mais importante e com maiores reflexos para a categoria de conjunto foi realizada pelos gráficos de São Paulo em Janeiro de 1923. O movimento se deu em meio a rica efervescência sindical e política em que se discutiam novas formas de organização para os trabalhadores, oprimidos pela repressão policial, inaugurada na greve de 1917. As reivindicações principais da greve de 1923 eram a conquista efetiva do Código de Menores, a proteção ao trabalho das mulheres, Férias Anuais, Salário Mínimo Profissional, e o Direito de Livre Associação. Também se exigia Aumento dos Salários; abolição do trabalho sobre contrato; Jornada de 8 Horas, que já fora conquistada, mas que não efetivada; Descanso Semanal Remunerado; Proibição do Trabalho Noturno para mulheres e menores.

O patronato alegou que a UTG não tinha poder de representação de classe e ameaçou com lock-out. Diante disto a UTG convocou comício para 7 de Fevereiro, onde cerca de três mil trabalhadores decidiram pela greve geral na categoria. Foram 45 dias de greve, tendo o jornal ‘O Trabalhador Gráfico’ como elemento decisivo para o dialogo diário com a categoria.

Repressão e solidariedade foram constantes durante a greve de 1923. Articulados, empresários e políticos utilizavam diversas artimanhas para desmontar o movimento. A prisão de João da Costa Pimenta, principal líder da greve, além do terror imposto durante intervenções nos comícios, foram algumas das ações policiais. Ao verem falhar o lock-out, as demissões e as tentativas de arremeter trabalhadores em outras cidades, os empresários passaram a ameaçar as empresas que individualmente aceitavam as reivindicações da categoria. Por outro lado, a solidariedade material e política recebida pelos gráficos, foi fundamental para a vitória daquele movimento. Toda a classe se mobilizou a favor dos gráficos denotando uma crescente consciência política.

As doações em dinheiro e alimentos eram distribuídas por meio de comitês especialmente criados para isso. A imprensa operária de conjunto também se mobilizou. No período da greve os jornais dos sindicatos eram os mais lidos em São Paulo. Jornais operários como dos sindicatos do Rio de Janeiro, ‘A Plebe-SP’, ‘O Germinal-RJ’ estampavam em suas páginas o apoio aos gráficos.

As conquistas da greve extrapolaram as melhorias salariais.

A importância maior da greve foi o reconhecimento da UTG – União dos Trabalhadores Gráficos, como legítima representante da categoria gráfica, o que refletiu positivamente em todo o país, desencadeando o processo de reconhecimento por parte de inúmeras Associações e Sindicatos e o estabelecimento do 7 de Fevereiro como Dia Nacional do Trabalhador Gráfico. Essa conquista tem importância simbólica no resgate da tradição de luta dos gráficos e reflete ainda hoje, na medida em que alguns sindicatos resistem a ofensiva patronal e mantêm a data como descanso remunerado em algumas Convenções Coletivas de Trabalho.

A terceira mais importante greve teve início em 23 de Março de 1929 e foi a mais longa da história da categoria, durando 72 dias. As reivindicações principais eram Aumento Salarial, Piso Mínimo e cumprimento da Lei de Férias promulgada por Arthur Bernardes e não acatada pelos patrões.

Para se livrarem da perseguição policial, os dirigentes foram obrigados a descentralizar os comícios da sede do Sindicato, passando a realizá-los em locais secretos.

A atitude dos patrões foi extremamente ofensiva. Eles infiltraram fura-greves no movimento e tentaram contratar trabalhadores de outras cidades, além de incitar a polícia a destruir os armazéns que forneciam alimentos aos grevistas. Tudo isso levou os dirigentes a buscarem negociações por empresas.

A partir daí foi possível garantir aumentos salariais e algumas conquistas específicas. Por outro lado, a medida que se encerravam as negociações individuais os trabalhadores voltavam ao trabalho, esvaziando o movimento já fragilizado com inúmeras prisões de dirigente. Após 72 dias o prosseguimento da greve era considerado insustentável. Apesar da garra da categoria e mais ampla solidariedade de todo o movimento operário, os objetivos primeiros de efetivar as leis trabalhistas já votadas não puderam ser alcançados, mesmo nas condições que os objetivos não foram alcançados a categoria gráfica continuou a ter um papel fundamental nas lutas que seguiram como demonstra toda a história da Ação Sindical dos Trabalhadores Gráficos.

No entanto, segundo Leila Blass, a pressão dos trabalhadores refletiu em todas as plataformas eleitorais apresentadas pelos presidentiáveis em Março de 1930. Todos eles levantaram em alguma medida as questões reivindicadas pelos trabalhadores, propondo sua solução por via da legislação trabalhista.





Greve de 1923

PAREM AS MÁQUINAS! – 1ª Greve na Categoria Gráfica

A primeira greve da categoria gráfica ocorreu em 1858, apenas 50 anos após o início das atividades gráficas no Brasil. No intuito de resgatar a verdadeira história da nossa classe, deliberadamente esquecida nos livros da história oficial, segue um artigo sobre este importante movimento.

O ANO ERA 1858.

Numa manhã quente do dia 9 de janeiro o Jornal do Comércio, Correio Mercantil e Diário do Rio de Janeiro não circularam. Motivo: Os compositores tipográficos, impressores, maquinistas tipográficos, aprendizes de compositor e encadernadores desses três jornais da Corte haviam paralisado simultaneamente suas atividades. Nada igual havia acontecido antes: uma greve de trabalhadores livres e assalariados era coisa inédita num país ainda escravagista como o Brasil.

A decisão dos gráficos surpreendeu autoridades que não sabiam como enfrentar a situação. Os trabalhadores simplesmente cruzaram os braços. Em vez de compor os jornais oficiais, puseram em circulação no dia 10 de janeiro de 1858 o 'Jornal dos Tipógrafos', uma pequena folha diária de quatro páginas que como um jornal comum, possuía todas as seções clássicas da época. Nele os trabalhadores denunciavam suas condições de trabalho, que consideravam semelhante a dos escravos, e apregoavam a necessidade de renegar "a falsa crença da obediência e dedicação a seus pretendidos senhores".

O conteúdo político da greve expresso no Jornal dos Tipógrafos era um claro NÃO A EXPLORAÇÃO do capital e à submissão que tentava se impor aos trabalhadores. No primeiro número explicava à população que a greve fora motivada pela recusa dos patrões em lhe concederem um aumento dos seus ordenados para cobrir a carestia que os oprimia há dois anos.

A Associação Tipográfica Fluminense, primeira entidade de trabalhadores urbanos a se organizar no Brasil em 8 de dezembro de 1853 esteve ao lado dos trabalhadores em greve. Naquele 09 de janeiro de 1858 declaravam que havia chegado "o momento solene da arte tipográfica se elevar à altura donde nunca deveria ter baixado".

De acordo com o conceito de trabalho da época, a profissão gráfica representava um trabalho especializado, pois quem exercia esse ofício realizava tanto uma atividade mecânica quanto uma atividade intelectual. A composição era concebida como uma arte porque além de ser um trabalho manual que necessitava de inteligência e disciplina para a composição das letras no componedor e para imprimi-las nos prelos, esse mesmo ofício ainda exigia o domínio da escrita, fazendo-se dela uma atividade criativa.

Mas os gráficos não estavam sendo respeitados como tal e por isso LUTARAM.

A repressão à greve não tardou. Como a paralisação não permitiu a circulação dos três jornais os operários grevistas apresentavam ao público leitor, a título de compensação, o Jornal dos Tipógrafos. Conforme vinha estampado nas suas colunas, a "verdadeira dignidade do homem livre está na associação; entretanto o operário, o assalariado, é ainda uma espécie de escravo".

Os patrões, assustados e indignados com a rebeldia inesperada dos trabalhadores passaram a buscar pessoas importantes da corte como Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos, Ministro da Justiça, exigindo dos grevistas, indenização pelas perdas causadas.

A novidade da greve criou confusão entre os poderosos. Consta que o próprio D. Pedro I e o Ministro da Justiça se posicionaram a favor dos grevistas argumentando que não deviam indenização alguma, pois estavam informando a população com o Jornal dos Tipógrafos. Como não havia lei sobre o trabalho livre no mundo urbano, apenas o Código Comercial Brasileiro (Lei nº 556, de 25 de junho de 1850), que não mencionavam nada sobre Rompimento de Contrato de Trabalho, os gráficos exigiam que fosse criada uma junta de árbitros neutros como meio de fazer prevalecer a justiça. A idéia era criar uma espécie de foro público, pois somente assim haveria uma neutra avaliação do fato novo trazido pelos operários grevistas.

Evidentemente insatisfeitos com a discordância do ministro, os proprietários apelaram ao Ministro da Fazenda, Souza Franco, que ordenou o retorno imediato ao trabalho sob pena de substituição dos grevistas. Os operários da Tipografia Nacional se recusaram, mas mediante a pressão e a ameaça de perderem seus empregos públicos, acabaram acatando a ordem.

Mesmo com o recuo dos trabalhadores a greve foi vitoriosa do ponto de vista político e social. A greve representou o capítulo inicial de uma longa história, em que forças sociais se puseram em movimento para valorizar a figura do trabalhador na formação social brasileira.

A MEMÓRIA DE ONTEM PARA AS LUTAS DE HOJE

Gráficos 1858-2008: uma luta de 150 anos

Em vários livros de história do Brasil fala-se da greve dos gráficos do Rio de Janeiro, em 1858. Sua importância se deve ao fato de ter sido o primeiro movimento de trabalhadores que teve visibilidade. Antes tinham acontecido pequenos protestos em oficinas ou nos portos. Mas o movimento iniciado em 9 de janeiro de 1858 foi o que mais apareceu. Foram 60 trabalhadores gráficos de todas as profissões daquele tipo de indústrias, liderados pelos tipógrafos que pararam um setor-chave da capital do país.

Naquela manhã do dia 9 de 150 anos atrás, o Jornal do Commercio, o Correio Mercantil e o Diário de Rio de Janeiro não apareceram.

Os trabalhadores daquelas gráficas estavam em greve. Exigiam um aumento nos salários que estavam engolidos pela “carestia”.

Queriam também melhorar todas as condições de trabalho. No segundo dia de greve, no lugar dos tradicionais jornais sai um novo jornal, o jornal dos grevistas: O Jornal dos Typógraphos.

Gráficos dão lição de luta e organização

Desde 1840 os gráficos tinham criado a Associação dos Typógraphos. Esta, cinco anos antes da greve de 1858 se transformou na Imperial Associação Typographica Fluminense. Foi esta associação que financiou a publicação do jornal da greve. O jornal era diário e continuou com quatro páginas até 12 de março daquele ano.

Nos vários artigos falava-se de reivindicações imediatas como salários e condições de trabalho, mas havia as raízes de posições mais politizadas. Num dos artigos pode-se ler da "necessidade de negar a falsa crença da obediência e dedicação a seus pretendidos senhores".

Em outro exigem “o fim da exploração do homem pelo homem”.

A greve acabou vencida pela intransigência dos patrões protegidos pelo governo imperial. Foi derrotada, mas ficaram as lições.

A principal lição é o exemplo da construção da organização para lutar. Naquele tempo, no Brasil, não havia ainda uma classe trabalhadora urbana. O País era um dos últimos países das Américas onde ainda existia escravidão. Quase não havia fábricas, salvo umas vinte pequenas tecelagens e a cervejaria Bohemia.

Enquanto isso, na Europa e EUA já existiam milhares de fábricas com milhões de operários. Estes já faziam greves. Na Inglaterra já tinham acontecido greves gerais pela redução da jornada de trabalho, por aumento dos salários e por melhores condições de trabalho. Mas no Brasil o nascimento da industrialização ainda demoraria até o começo do século XX e só então começaram as lutas operárias.

E nesse quadro que a luta dos gráficos foi um grande exemplo de luta e organização que será seguido, já nos anos 1880 e 1890, pela nascente classe operária brasileira.

A luta continua no século XX

Os gráficos foram muito ativos em todos os movimentos grevistas a partir de 1900. Era uma categoria politizada que lidava com a informação. Até 1930, quando se firmou a “Era do Rádio”, toda notícia passava pelos gráficos. Eles eram essenciais em todo movimento dos trabalhadores.

Eram eles que rodavam todos os inúmeros jornaizinhos feitos por operários e intelectuais irmanados no esforço de organizar as lutas e politizar a classe trabalhadora que lutava por seus direitos básicos: não morrer de fome, não morrer de tanto trabalhar e não morrer de acidentes de trabalho.

Todos os mais de 150 jornais operários deste período, entre 1875 e 1930, passaram pelas mãos dos trabalhadores gráficos. O jornal da COB, a primeira organização operária de alcance nacional, a Voz do Trabalhador, tinha a participação ativa de trabalhadores gráficos.

Gráficos ativos em muitas greves históricas

Desde o começo do nascimento da classe trabalhadora urbana, vimos que os gráficos estiveram na vanguarda das lutas.

No começo do século XX aconteceu, em São Paulo, a grande greve de 1917. O jornal A Plebe foi o grande veículo de informação para os grevistas que chegaram a tomar a cidade de São Paulo por três dias. A greve acabou vitoriosa. Conquistou-se aumento de salário, rebaixamento do custo dos aluguéis e promessa de redução da jornada de trabalho para 8 horas.

A Plebe, em 1919 tornou-se diário, durante quarenta dias. Gráficos, linotipistas, impressores e todo tipo de profissionais tornaram possível esta façanha. Até que em 20 de outubro daquele ano a repressão fechou o diário dos trabalhadores e prendeu todos os que trabalhavam no jornal.

Neste mesmo ano, os gráficos de Recife, de maio a outubro também publicaram o jornal diário 'A Hora Social'. A mesma repressão comandada pelas classes dominantes, fechou, prendeu e arrebou esta experiência heroica de comunicação dos trabalhadores. Por vários meses A Hora Social foi diário!

O ano de 1923 foi marcado por uma forte greve dos trabalhadores das indústrias gráficas, em que a União dos Trabalhadores Gráficos - UTG, além de estimular a greve foi um fator permanente de organização.

Na década de 1950, o Brasil viveu um surto de forte crescimento industrial. Milhões de migrantes saíram do Nordeste para trabalhar nas fábricas do Sul, especialmente em São Paulo. As indústrias cresciam, o custo de vida subia e os salários estavam estagnados. Centenas de greves aconteceram nestes anos. Muitas foram greves de grande envergadura.

Dentre as mais famosas estão a Greve dos 300 mil, de 1953, em São Paulo, e a Greve dos 700, na mesma cidade em 1957. Nas duas, os gráficos foram uma das categorias mais ativas que participaram do Comando geral de Greve.

Estas datas são só um pequeno lembrete das raízes da história dessa categoria politizada, organizada e mobilizada.

A luta dos gráficos de hoje se insere neste grande rio das lutas de todos os trabalhadores do país.

A TRAJETÓRIA DA PROFISSÃO

De Gutenberg à era da informática: a profissão de gráfico passou por muitas mudanças. Se, no início, as letras de chumbo serviam para o gráfico imprimir, hoje é impensável realizar o mesmo trabalho sem os recursos tecnológicos.

O gráfico é o profissional da tipografia, das artes gráficas, ou, mais especificamente, da indústria gráfica, acostumado a lidar com máquinas, tinta e papel. Sem o trabalho deste profissional você não estaria com este jornal em mãos. Hoje, o profissional conta com modernas máquinas computadorizadas, que realizam impressões em segundos, no entanto, num passado próximo não muito longínquo, a atividade era bem mais manual, o que dependia de dom artístico de quem a desempenhava.

O trabalho de tipógrafo, por exemplo, dependia não só de habilidade, mas também de criatividade. “Os textos eram recebidos, geralmente escrito à mão, já tínhamos que saber como a página ia ficar após a impressão. Ou seja, a gente tinha que ter tudo na cabeça. As formas das letras e os tamanhos que seriam usados para compor a página”, explica. Além de ter que saber tudo de cor, a organização também era uma parte fundamental no trabalho. Os tipógrafos que misturavam os tipos na hora de guardar, eram chamados de pasteleiros. “Isso era complicado porque mudava o caractere do texto”, conta. Esse processo é praticamente a base do processo de impressão inventado por Gutenberg. A próxima etapa foi o linotipo, uma máquina que facilitou muito o trabalho de impressos diários. O linotipo foi criado em 1890, também na Alemanha, e o seu processo funde em bloco cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado, como o da máquina de escrever. O presidente da Associação dos Aposentados Gráficos, Carlos Alberto de Castro, foi um dos que trabalhou como linotipista, seguindo os passos de seu pai. Ele iniciou em 1952, no jornal Última Hora e depois passou para a Folha da Manhã. Em seu dia-a-dia, ele digitava o texto que o jornalista entregava e cada letra era fundida em chumbo e caía ao lado do teclado. Quando se juntavam formavam uma frase, em uma linha. “Mas com a chegada da automação, em 1966, colocaram um cadeado na porta da gráfica e mandaram que nós fossemos procurar os nossos direitos”, relembra Castro.

A indústria gráfica da atualidade mudou muito. Máquinas modernas fazem todo o trabalho que antes dependia da habilidade manual para ser realizado. Hoje, a tecnologia de impressão só depende de duas coisas, que são fundamentais: técnica e conhecimento.

Mas a grande realidade que muitos profissionais da geração do processo convencional, como: linotipistas – tipógrafo – fotolito – impressores poderiam ter sido reaproveitados, mas por questões salariais foram marginalizados.

Foi um grande retrocesso na época da transição tecnológica, apesar também de alguns profissionais movidos pelo brio da profissão não aceitarem estas mudanças, ambos perderam trabalhadores e empresários que poderiam recapacitar estes profissionais e não fizeram.

TIPOGRAFIA: PRIMEIRA ATIVIDADE DO POETA

Antes de ser um grande escritor, **Machado de Assis** foi ajudante de tipógrafo, na Imprensa Oficial. Em 1855, com então 15 anos, publicou o seu primeiro poema, intitulado Ela, na revista Marmota. A partir daí passou a atuar como cronista, poeta e crítico literário em diversas publicações.

OS PRIMÓRDIOS DA COMUNICAÇÃO IMPRESSA

Quem imagina que a história da comunicação impressa começa com a invenção dos tipos móveis de metal de Gutemberg, está enganado.

A humanidade utiliza a comunicação impressa desde os tempos da Roma antiga, para divulgar notícias para as massas. O jornal mais antigo de que se tem conhecimento é o **Acta Diurna**, publicação que surgiu cerca de 59 a.C, em Roma. Júlio César, desejando informar o público sobre os mais importantes acontecimentos sociais e políticos, ordenou que os eventos programados fossem divulgados nas principais cidades. Escritas em grandes placas brancas e expostas em lugares públicos populares, as Acta mantinham os cidadãos informados sobre escândalos no governo, campanhas militares, julgamentos e execuções.

Na China do século VIII, os primeiros jornais eram boletins escritos à mão. A prensa, inventada por Johann Gutenberg em 1447, inaugurou a era do jornal moderno.

A partir dessa invenção, a disseminação do conhecimento se tornou bem mais fácil e marca o início da história da indústria gráfica no mundo.

A IMPRENSA CHEGA AO BRASIL

A primeira gráfica se instalou em nosso País no mesmo ano da chegada da Família Real Portuguesa. Em 1808 a Imprensa Régia fora implantada no Rio de Janeiro, por D. João VI, e passou a publicar a **Gazeta do Rio de Janeiro**, o primeiro jornal a ser rodado em terras brasileiras. Paralelamente a isso, neste mesmo ano, começou a ser editado e impresso em Londres a também publicação brasileira **Correio Braziliense**, um jornal feito pelo exilado Hipólito da Costa. Apesar de ser produzido Gazeta do Rio de Janeiro Correio Braziliense totalmente fora, o Correio Braziliense é considerado o primeiro jornal brasileiro e circulou de 1808 a 1823.

A Imprensa Régia também era responsável pela impressão de atos normativos e administrativos oficiais do governo e só permitia a publicação de obras que estivessem em concordância com a censura.

No entanto, muito antes de 1808 havia dura punição para quem se arriscasse a produzir jornais, livros ou panfletos no País. A atividade não era permitida pela Coroa Portuguesa, que chegava até mesmo a prender ou deportar os que tentavam imprimir algo. Isso porque essa imprensa não oficial buscava difundir ideias libertárias de grupos que lutavam contra o colonialismo. A Revolta dos Alfaiates, a Revolução Nativista de Pernambuco e a Inconfidência Mineira, são alguns exemplos desses movimentos.

O PRIMEIRO LIVRO IMPRESSO

Mainz, uma pequena cidade localizada à margem do Rio Reno, na Alemanha, é o berço da história da tipografia no mundo. Foi de lá que saiu o primeiro livro impresso do mundo, da oficina de Johannes Gutenberg (1400-1468), o pai da imprensa.

Gutenberg criou os tipos móveis letras soltas feitas da combinação de quatro metais para a impressão de livros que possibilitou a produção de livros em grande escala. O primeiro livro impresso por ele foi a **Bíblia**, um trabalho que contou com 20 colaboradores e demorou três anos para ser concluído. Alguns exemplares da impressão de Gutenberg estão guardados no Museu de Gutenberg em Mainz.

A CONATIG É O ELO COM A UNI-GRÁFICOS PARA A UNIDADE DOS GRÁFICOS DO BRASIL

Unidade da Categoria Gráfica do Brasil teve seu passo inicial em 1985 no V Congresso Nacional realizado em São Paulo. Refletindo um momento de transição em que os enfrentamentos das ideologias e a acomodação das Centrais Sindicais eram explícitos, reconheceu-se a necessidade de buscar a unidade dos gráficos a nível Nacional. Os problemas levantados em cada região não deixaram dúvidas sobre isso.

Diálogos com o objetivo de unir as representações de gráficos no Brasil foram estabelecidos, juntamente com a política de criar Federações Estaduais para atender as inúmeras demandas da categoria nas várias regiões do País, até porque não foi transformado em nenhuma novidade, pois a maioria dos Sindicatos continuam sendo de natureza Estadual.

A integração Internacional foi outra necessidade identificada no congresso no sentido de favorecer o diálogo nacional por meio de apoio político e financeiro. Buscou-se a FGI — Federação Gráfica Internacional, entidade que buscava se expandir junto aos sindicatos da América Latina, devido a forte desgaste e ameaças de cisão enfrentada pelo movimento sindical europeu. Após os contatos iniciais estabeleceu-se um processo de Ação Global que foi crescendo nos anos seguintes e concretizou-se num Congresso ocorrido em Londres no ano de 1991. A participação da representação do Brasil neste congresso foi um passo importante para a unidade internacional. Ali deliberou-se pela regionalização da FGI a partir da fundação da FGL — Federação Gráfica Latino-americana, primeira Regional da FGI na América Latina.

O processo de discussão em torno da FGL fortaleceu a unidade na América Latina, sendo possível a discussão sobre a criação da CONATIG — Confederação Nacional dos Trabalhadores Gráficos. A CONATIG nasceu como propulsora da tão sonhada Unidade Gráfica em nosso país.

As ações realizadas a partir de 1993 voltadas para as áreas do Mercosul e Cone-Sul foram fundamentais para selar a maturidade dos dirigentes brasileiros rumo a unidade do movimento sindical gráfico. Enquanto a FGL exercia o seu papel moderador nas discussões dos gráficos, a CONATIG foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho, facilitando a interlocução com as demais entidades.

De 1993 a 2001 várias foram as Ações Internacionais vitoriosas: Na questão de gênero, destaca-se o projeto “Nossas palavras, nossos Sonhos” que mobilizou centenas de dirigentes gráficas de sete países da América Latina e América Central; A participação dos brasileiros na FGL culminou na vitória da disputa política dentro da FGI, com a ascensão da nossa companheira Adriana Rosenzvaig, eleita como Secretária Geral da entidade, cargo ocupado pela primeira vez por uma mulher. A categoria gráfica foi a única a indicar uma mulher como representante do setor.

O avanço da globalização fez com que fossem buscadas internacionalmente respostas contra a fragmentação imposta a organização dos trabalhadores. A fusão da FGI com outras entidades Internacionais, representativas de Bancários, Eletricitários, Telefônicos, Correio, Comunicação, Artistas, dentre varias outras tomou corpo foi uma das respostas do movimento sindical.

Foi dentro deste marco histórico e político internacional que se concretizou a unidade gráfica no Brasil num Congresso Nacional da Categoria Gráfica, realizado em setembro de 2005 na Praia Grande. Dentre tantas incertezas, a ideia era movida pela era a extrema necessidade de nos armar para enfrentar as políticas neoliberais e o processo de globalização internacional.

A Fusão e trabalho nacional

Com o apoio de entidades internacionais tem se encaminhado ações político-sindicais junto aos Órgãos Governamentais e Judiciários, de forma a proteger os trabalhadores gráficos brasileiros. Um dos objetivos é a negociação com a ABIGRAF de um Contrato Coletivo de Trabalho Nacional.

A compreensão sobre a necessidade da união e solidariedade avança a cada dia e a luta de cada sindicato passou a ser a luta de todos. Em várias oportunidades demonstramos que a ação unitária garante conquistas. Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, sindicatos do Sul do país, representam exemplos vitoriosos de nossas ações comuns. As ações voltadas para as multinacionais gráficas que atuam no país também se revelam promissoras. Passados três anos de unidade descobrimos muito do que se pode fazer pela categoria a partir da CONATIG. As Ações de Enquadramento Sindical, a promoção da Solidariedade entre os gráficos, as greves vitoriosas em várias partes do país, a organização das mulheres, o estudo e ação em prol da segurança no trabalho. Tudo isso como fruto de uma compreensão superior dos dirigentes que sem dúvida influenciam positivamente a organização da categoria.

Nestes 90 Anos que comemoramos o Dia 7 de Fevereiro a CONATIG continua com o de seguir lutando e organizando os gráficos no Brasil. A luta pela melhoria nas condições de vida e salário, pela dignidade do ser humano é cada vez mais importante. Especialmente num momento em que o capitalismo demonstra mais uma vez, sua incapacidade de atender a todos.

OS GRÁFICOS E SUA HISTÓRIA ORGANIZATIVA

Adriana Rosenzvaig – Secretária Regional de UNI Américas

O setor gráfico da UNI — Union Network International encontra suas raízes em três organizações internacionais fundadas no final do século XIX e princípio do século XX.

Estas são: A IBS — Secretariado Internacional dos Impressores, fundado em julho de 1889; A ILB — Federação Internacional de Litógrafos e Ofícios Comuns, fundada em agosto de 1896 e a IBF — Federação Internacional de Encadernadores, fundada em julho de 1907.

Estas organizações desenvolveram uma intensa atividade fundamentalmente na Europa Central e se viram imersas nos catastróficos conflitos bélicos da época e diferentes e intensas crises que antecederam e se seguiram as guerras mundiais.

Há que se destacar que os sindicatos e federações da Itália, a partir de 1924, e da Alemanha e Áustria, após 1933/34 se desfilaram das internacionais.

A Primeira e Segunda Guerra Mundial paralisaram toda a atividade sindical, tanto nacional como internacionalmente, barrando o primeiro movimento para a fusão das organizações gráficas, que se produziu imediatamente após a Primeira Guerra, sem prosperar.

Em Londres, no ano de 1946, ao finalizar a Segunda Guerra Mundial, novamente começou-se a analisar a possibilidade de fundir numa só organização internacional, todas as entidades representativas dos diversos ofícios gráficos. Finalmente em 13 de maio de 1949, em Estocolmo, nasceu a Federação Gráfica Internacional.

Representantes de 482.686 trabalhadores de 12 países elegeram os primeiros dirigentes: Adolf Schafer, da Suíça, Presidente e F. Segessenmann, Vice-presidente.

No Congresso de Londres (setembro de 1992) a FGI começou a ser realmente global. O lema deste congresso - Um mundo, uma Internacional - revela uma clara visão do mundo que estava nascendo. A FGI deixa então de ser uma organização meramente europeia para começar a pensar seriamente na unidade dos trabalhadores do mundo. Uma das consequências desta mudança será a criação no ano de 1994, da Federação Gráfica Latino-americana-FGL e no ano de 1997 da Federação Gráfica para Ásia e Pacífico.

No ano de 1998 o sentido internacionalista da FGI seria traduzido na eleição como Secretária Geral de Adriana Rosenzvaig, proveniente da América Latina. Sendo a primeira organização internacional que elegeu uma representante não europeia para levar adiante suas tarefas.

A dinâmica social e econômica do mundo e a vocação unitária de várias organizações impulsionam a criação da UNI, que nasceu no ano 2000 após árduas discussões que se desenvolveram desde o ano de 1997.

FIET, CI, FGI e MEI criam em 1º de Janeiro de 2000 a UNION NETWORK INTERNATIONAL, que na atualidade conta com 25 milhões de membros em mais de mil sindicatos, nas quatro regiões do mundo sendo atualmente transformado num Sindicato Global com a denominação de **UNI Sindicato Global**.